

# Realidade e modos de representação

Marcus Freire, Manuela Penafria

A representação da realidade é um tema sensível ao cinema, desde os inícios da sua história. A famosa “impressão de realidade” sempre impressionou os espectadores. Para o documentário este é um tema que lhe vem associado, como se de um cognome se tratasse. Só por si *documentário* arrasta consigo um peso: a obrigação de “representar a realidade”. O cumprimento ou não cumprimento dessa promessa que lhe está subjacente tem sido, em suma, o que motiva grande parte da discussão que rodeia o documentário. Já a ficção parece ser um companheiro sempre presente. Ora é um companheiro incómodo que ofusca ou acusa o documentário, ora um aliado inestimável na defesa de um cinema de elevada qualidade, um cinema de efectivo trabalho de realização cinematográfica. No essencial, e muito resumidamente, não é difícil esgrimirem-se argumentos a favor ou contra a ideia do documentário efectivamente “representar a realidade”. Os primeiros destacam a ligação que as imagens do documentário possuem com o que tem existência fora dessas imagens e os segundos - os que são contra - lembram que a imagem cinematográfica em si e só por si não garante que não tenha ocorrido uma total fabricação.

Assim, a realidade quotidiana projectada no ecrã tem sido a maior força e, também, a maior fraqueza do documentário. Ainda que muitas discussões passem pela maior ou menor proximidade dessa *re-presentação*, o que motivou os editores para a proposta do tema deste segundo número temático foi a capacidade e diversidade que, na sua *praxis*, o documentário demonstra em transformar material quotidiano em material fílmico. É esta transformação que serve de mote para o segundo número da *Doc On-line* que vem assim colocar-se no centro de uma discussão que imediatamente remete para a polémica. Pretendendo escapar a categorias gerais - que com maior ou menor facilidade podem ser aplicáveis aos mais diversos filmes - e a discussões vagas, fazem parte deste número da *Doc On-line* um conjunto de artigos que se destacam pelas suas abordagens incisivas, bem delimitadas e focadas em filmes específicos que não encontramos na maior parte dos estudos dedicados ao documentário. Em “El primer documental vanguardista de NO-DO”, Álvaro Matud Juristo analisa o primeiro filme NO-DO [Noticiero Documental] franquista de características vanguardistas que embora pertencendo às “actualidades”, faz parte de um conjunto de filmes bastante distintos desses seus congéneres, pois têm a suportá-los, entre outros factores, a criatividade de realizadores com formação na área do cinema. Em “The Cinematographic Representation of the City of Porto (as seen by the author in six films)”, Paula Mota Santos analisa a representação da cidade do Porto em diferentes filmes apresentando os seus temas principais e discutindo o papel dos filmes na construção de uma memória colectiva. Em “Documentários e ficções: discurso e ideologia em *Justiça* e *Ônibus 174*” de Felipe Muanis, os filmes *Justiça* (2004) e *Ônibus 174* (2002) são objecto de análise com o propósito de servirem para discutir a representa-

ção de acontecimentos partindo o autor do pressuposto que o documentário pretende “representar a realidade”. Para fechar a secção de Artigos, dois textos que vão ao âmago das diferenças entre documentário e ficção. Embora separados pelo estilo de escrita e pela abordagem, ambos vêm reafirmar a capacidade do documentário representar a realidade. Em “La estética (ir)realista. Paradojas de la representación documental”, da autoria de Aida Vallejo Vallejo, o espectador é chamado a clarificar a leitura que lança aos filmes denominados de documentário. Já Hélio Godoy em “Documentary Realism, Sampling Theory and Peircean Semiotics: electronic audiovisual signs (analog or digital) as indexes of reality” traz para o debate a utilização da tecnologia digital procurando inverter a desconfiança generalizada que recai sobre por essa mesma tecnologia em produzir índices, signos que estão associados a tecnologias mais tradicionais.

E porque a imagem pode ser lida na sua vertente documental, a secção “Análise e Crítica de Filmes” traz-nos vários filmes: o documentário propriamente dito, no caso, *rockumentários*; o clássico *Roma, Cidade Aberta* e uma ficção, o filme *Yi-Yi* que afecta o espectador pelas imagens que convoca de um tema que a todos diz respeito, a morte. Os filmes chegam-nos pelo olhar de Luís Nogueira, Francisco Merino e Frederico Lopes, respectivamente. A entrevista a Abi Feijó, realizador português de cinema de animação, vem lembrar que no cinema as técnicas e metodologias de apresentação não sendo exclusivas deste ou daquele tipo de filme, dependem do tema do filme e, sobretudo, da inspiração, criatividade e o modo de olhar o mundo através das imagens em movimento de quem o realiza.

Para terminar, uma referência a duas secções que os Editores dão especial importância, “Leituras” e “Dissertações e Teses” onde se dá conta do trabalho que tem sido realizado por estudiosos em língua portuguesa. Que uma quer outra são secções que muito apraz divulgar já que se constituem em incentivo à prossecução dos estudos numa área que ainda necessita de boa divulgação. Fica aqui o nosso contributo.